

FUNÇÃO DOS ANÉIS: UMA BREVE HISTÓRIA

Function of the rings: A brief History

Mercaldi, Marlon; Mestrando; Universidade de Franca, marlonmercaldi@hotmail.com

Moura, Mônica; Doutora; UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, monicamoura.design@gmail.com

Resumo

Esse artigo visa analisar a função dos anéis ao longo da história da joalheria, mais precisamente dois mil e quinhentos anos AC, até o século XIX. Como resultado o artigo apresenta a classificação de alguns anéis que foram desenhados para desenvolver funções específicas e práticas.

Palavras-Chave: Design, Moda, Joias.

Abstract

This article aims to analyze the function of the rings along the jewelry history, more specifically two and a half thousands years BC until the nineteenth century. As a result the paper presents a classification of some rings that were designed to developed specific and practical functions.

Keywords: Design, Fashion, Jewellery.

Introdução

Um anel é um objeto, geralmente usado nos dedos, de formato circular formado por uma tira de metal ou outro material que pode servir para segurar, prender ou unir alguma coisa, podendo ter engaste de gemas ou pedras. São objetos de adorno que carregam características e relações simbólicas, estéticas e, algumas vezes, funcionais.

Os anéis são de difícil classificação porque geralmente apresentam mais do que uma função, podendo esta variar de funções práticas e específicas, como por exemplo, anéis de noivado ou anéis de arqueiros, a funções puramente estéticas e/ou simbólicas. E, também, porque sua forma e aparência muitas vezes podem não indicar sua função específica, podendo este apresentar mais do que uma única função, tornando-se difícil indicar a função principal. Quanto mais distante no tempo, menos documentação sobre o uso dos anéis sobreviveu, e suas funções se tornam conjecturais.

Provavelmente, o propósito mais antigo dos anéis, além de designar distinção social, tenha sido simplesmente estético, como parece indicar o anel em ouro e lápis lázuli encontrado em uma tumba em Ur e que data de 2500 AC (TAIT, 2006, p.229).

Anéis com função puramente estética variam das formas mais simples, como o primitivo anel Messiânico encontrado em Rhodes ou o anel em prata de La Tène ou os exemplos dos massivos anéis em ouro e sardônica da antiga Roma ou os delicados entalhes e gravações das argolas em ouro encontradas em Poslingford, que foram feitos na Inglaterra Anglo Saxônica antes da conquista Normanda – e até os dias de hoje os anéis são feitos basicamente para este, e não outro propósito.

Entretanto, foram pensados durante diferentes períodos históricos, vários anéis atendendo a funções práticas e específicas. Estes podem ser classificados como: anéis de sinete; anéis para arqueiros; anéis de noivado, casamento e compromisso; anéis de luto e anéis comemorativos; indicando como este objeto é presente nas diferentes culturas e períodos históricos do ser humano. Se este objeto se encontra assim presente podemos inferir que o

anel assumiu um papel de importância na representação das sociedades e da vida humana.

Nosso principal objetivo neste trabalho é por meio do resgate histórico, estudar e compreender as funções e o papel dos objetos de adorno conhecidos como joias na categoria de anéis, enfocando a sua relação com o ser humano em seu uso, nas questões simbólicas e funcionais em sua relação com o campo do design.

Este artigo é resultado de uma pesquisa documental com revisão bibliográfica. O referencial teórico conta com os seguintes autores: BURDEK (2006), GERLACH (1971), GOLA (2008), SCARISBRICK (2007), TAIT (2008).

Foram analisados neste artigo anéis exclusivamente de uso não institucional e foram excluídos desta análise anéis oficiais, como por exemplo, o anel do papa (Anulus Piscatoris) e anéis de investidura, aqueles que acompanham uma cerimônia de posse, como os anéis reais, por exemplo.

Ainda que, alguns desses anéis funcionais tenham sido desenhados tendo-se em vista sua qualidade altamente estética, seu uso principal foi o enfoque deste estudo.

Os anéis estudados e analisados neste artigo compreendem exemplos de 2500 anos AC até o século XIX. E são provenientes na sua maior parte da cultura ocidental, com alguns poucos exemplos da cultura oriental quando se fizer necessário.

1. Classificação dos Anéis

1.1 Anéis de Sinete

O anel de sinete é um objeto de metal como ouro ou prata usado como assinatura do proprietário e/ou responsável por uma Organização, para selar e autenticar documentos e cartas.

Anéis usados como sinete aparecem muito mais tarde na história da joalheria, mas o uso de pequenos pendentis que podiam ser utilizados como selos, e eram estampados em argila úmida, datam, em partes da Ásia Ocidental, cerca de 5000 AC (TAIT, 2006, p. 229). Selos cilíndricos se tornaram uma forma de sinete no sul da Mesopotâmia. Esses selos continham o nome o sobrenome e a profissão do usuário, e podiam ser utilizados para identificar mercadorias. Ocasionalmente estes selos cilíndricos possuíam terminações em ouro, como o selo encontrado nas tumbas em Ur (c. 2500-2100 AC), tornando um objeto essencialmente funcional em uma joia altamente estética e atrativa.

Figura 1: Anel Egípcio em ouro, típico da primeira metade do décimo quinto século AC. O bisel em forma de escaravelho vítreo esverdeado (18th dinastia, c. 1500 - 1450 AC) contém uma inscrição com o nome da rainha Hatshepsut, ladeado por hieróglifos. Fonte: Tait, 1986, p 45



No mundo Grego, a arte de gravar nos biseis em ouro, foi reintroduzida cerca de 600 AC e um exemplo helenístico mostra a perfeição desta habilidade. A tradição Grega de gravar em gemas remonta cerca de 700 AC, mas foi somente por volta de 600 AC que a prática de montá-las em anéis se tornou generalizada (TAIT, 2006, p 230).

Em Roma, a prática do uso de anéis com função de selo é bem documentada. No final do terceiro século AC, cônsules romanos usavam anéis de sinete como um instrumento distintivo, ficando claro aqui que além da função prática, a simbólica também era importante. Foi mais ou menos neste

período que ambas a granada e a sardônica tornaram-se popular em Roma como gemas para selos, mas muitos anéis de sinete continuaram a ser gravados em biseis de metal (ouro, pratas ou ligas) (TAIT, 2006, p 230).

O uso de gemas entalhadas posicionadas no bisel dos anéis de sinete não deixou de ser utilizada no Império do Oriente com aconteceu em Roma durante o período imperial, e no norte dos Alpes, durante o sexto e o sétimo século (TAIT, 2006, p 231). Durante este período o analfabetismo generalizado tornou o selo indispensável, enfatizando nesse período sua função prática, e o anel de sinete continuou sem uma quebra através do início da Idade Média.

Com o desenvolvimento da heráldica, na Europa, no final da Idade Média como um meio de identificação, todos que eram intitulados a usar armas usavam anéis de sinete com seus brasões, denotando aqui também uma classe social, e enfatizando sua função simbólica. Dessa maneira, o sinete ganhou nova vida.

Pessoas não intituladas a usar armas, eram permitidas a usar um selo simples, e muitos anéis de comerciantes, em bronze e outros metais básicos sobreviveram gravados no bisel com a marca do comerciante, geralmente incorporando as iniciais do nome do usuário (TAIT, 2006, p234). Ainda que os anéis de sinete tornaram-se gradualmente menos essenciais durante o século dezanove, eles permanecem em voga até os dias de hoje, entretanto raramente são colocados em uso.

1.2 Anéis de Arqueiro

Outro tipo de anel que foi essencialmente funcional, mas não deixando de lado suas qualidades estéticas e simbólicas, foi o anel de arqueiro usado no polegar. Novamente, existe uma longa historia ligada a esses anéis, já que eles aparecem juntamente com o inicio do desenvolvimento das bestas, mas em certos países e em certos períodos eles foram especialmente trabalhados e desenhados, ressaltando suas características estéticas, como podemos

perceber nos exemplos abaixo. Esses anéis eram utilizados especialmente para proteger o polegar da pressão exercida pelo fio do arco no dedo. Abaixo podemos observar três exemplos abrangendo mais que dois mil anos e com três soluções diferentes.

De fato, o exemplo Europeu é triplamente funcional, por ser um anel de sinete e incorporar um texto amulético no exterior do aro, que é o mesmo texto encontrado em um pendente em forma de moeda do século XV. O exemplo de jade, decorado com gemas é particularmente ornamental, e é ocasionalmente representado em pinturas em miniatura. Shah Jahan é representado em uma destas pinturas (c. 1650) usando um destes anéis em sua mão direita (TAIT, 2006, p 234). Versões simples em bronze e marfim são comuns e eram extremamente funcionais.

Figura 2: O anel Chinês em jade de tom marrom, acima, data do quinto século AC (período Zhou Oriental). O anel Indiano data do século XVII (período Mongol). O anel Veneziano, encontrado em Aegium no Peloponeso, data do 14th século DC. Fonte: Tait, 1986, p234.



1.3 Anéis de Noivado, Casamento e Compromisso.

O significado do anel de noivado é basicamente, o de demonstrar a intenção de um casamento e também na Idade Media servia como garantia financeira. Esses anéis são sempre carregados de simbolismo atrelado a sua função prática de intenção de casamento. Os anéis de noivado, ou com

imagem de mãos dadas, aparecem em Roma, quando duas mãos entrelaçadas (*dextrarum iunctio*), representavam um contrato. O simbolismo Romano de duas mãos entrelaçadas em verdade, foi sem dúvida, apropriado para o anel cristão de noivado e casamento. O magnífico exemplo em ouro escavado no forte Romano de Richborough (Kent, Inglaterra), em 1935, data do século IV DC, e é provavelmente um anel de compromisso (Tait, 2006, p 236).

Figura 3: Dois anéis Romano-Britânicos em ouro, com o desenho de duas mãos direitas em aperto (*dextrarum iunctio* (4th século DC)). Fonte: Tait, 1986, p 236.



Anéis de noivado continuaram a ser usados em toda a Europa até os dias de hoje e às vezes carregam uma inscrição religiosa e até mesmo mágica, fazendo com que se encaixem dentro de duas categorias de anéis: compromisso e místico, destacando sua função prática e simbólica; tornando impossível saber qual delas teve um significado maior para o seu possuidor.

Outra inovação Romana tardia foram os anéis com recortes incorporando letras, que formavam inscrições. Do século II DC, em diante, os anéis de noivado cristãos eram confeccionados em ouro, e o delicado exemplo poligonal escavado no forte Romano em Corbridge, Northumberland, em 1935 é um raro exemplar da Roma Britânica (TAIT, 2006, p 236). Apesar de o interior ser liso, os dezesseis painéis recortados são cada um, dividido em três partes horizontais, sendo que a central contém uma letra; a inscrição Grega, a qual indica que era um anel de compromisso.

Anéis de casamento Bizantinos do século sexto e sétimo são com frequência, elaboradamente gravados, e retratam a noiva e o noivo. Em um

exemplar eles estão sendo abençoados pela figura de Cristo e da Virgem Maria, e a inscrição Grega Harmonia (TAIT, 2006, p 236).

No início da era Tudor o costume Inglês, comum até hoje, do uso de um aro liso em ouro como anel de casamento é bem descrito por J. G. Nichols durante a edição das Crônicas da Rainha Jane (1850), citando o casamento de Mary I com Philip II da Espanha em 1554: “O anel de casamento da rainha era uma aro de ouro puro sem nenhuma pedra; porque este era seu agrado, porque as donzelas assim se casavam nos tempos antigos” (TAIT, 2006, P239).

A presença de uma inscrição ocasionalmente estabelece além de qualquer dúvida que o anel era feito para o casamento. Entretanto, muitos anéis eram simplesmente símbolos de amor. O anel intitulado, “Fair Rosamond”, da alta Idade Media, com um par de pombos e a inscrição, “L’amour nous unit”, é um exemplo.

1.4 Anéis Comemorativos e de Luto.

Anéis comemorativos, como o próprio nome denota, são anéis utilizados para comemorar um evento, como a posse de um rei por exemplo. Um grupo particularmente interessante de anéis comemorativos era usado pelos seguidores da casa real Britânica de Stuart e estes anéis geralmente possuíam um retrato de um dos reis de Stuart em seu bisel - Charles I (o mártir), Charles II, James II. Ocasionalmente o retrato do ultimo monarca regente da família Stuart, rainha Anne (morta em, 1714), é colocado no bisel de anéis, e o exemplo ilustrado aqui é excepcional, fabricado em uma lâmina de ouro com detalhes em relevo (TAIT, 239, p. 239).

O hábito de usar (após a morte do monarca) um anel comemorativo com o retrato do rei ou da rainha continuou até este século, enquanto outros eram usados durante a vida do monarca como um símbolo de lealdade. Talvez o mais curioso exemplo tenha sido o anel feito para comemorar Charles I, cujo

caixão na capela de St George, castelo de Windsor, foi aberto na presença do príncipe regente em 1813, e provavelmente o mais evocativo é o anel, que se acredita ser um dos seis feitos para os conspiradores interessados na fuga de Napoleão da ilha de Elba, que contém (debaixo da cobertura articulada, em ouro esmaltado) um retrato em auto relevo, em ouro, do imperador.

Figura 4: 619 é um anel da metade do século dezessete com o retrato esmaltado de Charles I. 620, um anel Inglês (c. 1715), contém o retrato da rainha Anne em relevo. 621 contém o retrato da rainha Maria I, de Portugal (1734 – 1816). 622 é um anel em ouro cravado com o retrato do rei George III da Inglaterra (1777 – 1860). Fonte: Tait, 1986, p 240.



Desde o século quatorze, e possivelmente antes disto, existiu a prática de usar anéis como lembrança de um parente falecido ou amigo. Estes anéis, conhecidos como anéis de luto, geralmente são de fácil identificação através das palavras contidas em suas inscrições e possuem um alto valor simbólico atrelado a sua função prática, que é a de lembrar os ententes queridos. Entretanto, anéis com o bisel contendo o cabelo do ser amado, sobreviveram sem nenhuma inscrição e, em um anel onde o bisel apresenta um pedaço de seda bordado com cabelo, não fica claro se este foi um anel de luto em vez de uma prova de amor – ou simplesmente uma forma bizarra de decorar anéis. O costume de se usar anéis de luto começou a decair na segunda metade do

século dezenove, em grande parte porque se tornaram depreciados. As versões baratas, produzidas em grande escala em centros como Birmingham, geralmente com uma fotografia imperfeita no bisel, representam a última fase na história.

Figura 5: 623 comemora a morte de George III, 1820. 624 possui uma caveira com cruz de ossos e com uma trança de cabelo sobre o bisel, 1773. 625 é um anel simples em ouro do século XVII, dentro do aro está gravado: Ninguém pode evitar a intenção do Senhor. 626 data de 1788, e comemora a morte de William Hanley Esq. 627 é um tipo de anel do final do século XVIII, com um pedaço de seda sobre o bisel bordado com cabelo imitando um musgo-ágata. 628 é um anel em ouro esmaltado, feito em Londres em 1823, sobre a morte de Mary Attwood. 629 é excepcionalmente esmaltado e desenhado, foi feito em Londres em 1847 para comemorar a morte de Hugh, Duque de Northumberland. Tait, 1986, p 240.



Considerações Finais

Na história da humanidade, pelas variadas funções que assume em diferentes épocas e culturas distintas, a joia, discutida e representada aqui através do anel, sempre esteve presente.

Como portador de valores, o anel tanto pode representar o insigne, o poder, o conhecimento esotérico, quanto ser sinal de riqueza material. E inclusive, pode ser impregnado de acepções negativas, ao representar a futilidade e a aparência meramente exterior de tudo o que é terreno; ou, ainda, que a ele também sejam atribuídos valores mágicos, espirituais e até transcendentais, segundo diferentes interpretações de vários povos e culturas.

Assim, em sua materialidade de adorno, o anel sempre está acompanhado de significados que o tornam um objeto simbólico.

Nunca de forma arbitrária, sempre se ajustando à finalidade, ornar pode relacionar-se a inúmeros temas, adequando a matéria ao objeto que se pretende equipar, ou seja, adornar. A ideia de ornamento, portanto, está vinculada à interpretação dos diferentes povos, civilizações e épocas, que ao ligar o ornamento aos objetos, transformam esses mesmos objetos em veículos que nos auxiliam a compreender, hoje, em sua permanência, as culturas humanas. (GOLA, 2008, p.18-19.)

Dessa maneira, esses pequenos representantes da história da joalheria, ora vinculados à tecnologia descrevendo o potencial tecnológico de uma civilização, ora como possuidores de valores sócio culturais; representaram e continuam representando as aspirações humanas sejam elas práticas, estéticas ou simbólicas.

Referências

BURDEK, Bernhard E. História, Teoria e Prática do Design de Produtos. São Paulo: Edgard Blucher, 2006.

GERLACH, Martin. Primitive and Folk Jewelry. Nova York: Dover, 1971.

GOLA, Eliana. A Joia: História e Design. São Paulo: Editora Senac, 2008.

SCARISBRICK, Diana. Rings: Jewelry of Power, Love and Loyalty. Inglaterra: Thames and Hudson, 2007.

TAIT, Hugh. 7000 years of jewelry. Estados Unidos: Firefly Books, 2008.